



# “Existe ainda um desafio estrutural que considero determinante: o reforço da literacia financeira”

Num setor financeiro em profunda transformação, onde a inovação tecnológica, a sustentabilidade e a proteção do consumidor caminham lado a lado, o papel dos intermediários de crédito assume uma relevância cada vez maior. Nesta entrevista à Revista Pontos de Vista, Sofia Brito, Intermediária de Crédito e Founder & CEO da Solidary Equation, partilha a sua visão sobre os desafios da banca, a importância da literacia financeira e da confiança, bem como o impacto da Inteligência Artificial na construção de um sistema financeiro mais transparente, humano e responsável.



SOFIA BRITO

O setor financeiro atravessa um período de profunda transformação. Como interpreta este momento e quais considera serem os principais desafios para os próximos anos?

Vivemos um momento particularmente exigente para o setor financeiro. A digitalização acelerada, a evolução da Inteligência Artificial, o desenvolvimento do Open Banking e, progressivamente, do Open Finance, a crescente exigência regulatória e a integração de critérios de sustentabilidade estão a redefinir a forma como os serviços financeiros são concebidos e disponibilizados. Paralelamente, assistimos a uma mudança significativa no perfil dos consumidores, que são hoje mais informados, mais exigentes e procuram soluções cada vez mais personalizadas, transparentes e alinhadas com os seus objetivos de vida.

Neste contexto, considero que um dos maiores desafios será conseguir equilibrar inovação tecnológica com a proximidade humana. A tecnologia permite simplificar processos, reduzir tempos de resposta e melhorar significativamente a experiência do cliente. Contudo, as decisões financeiras continuam a ser decisões profundamente humanas, com impacto no património, na estabilidade das famílias, no desenvolvimento das empresas e, muitas vezes, na concretização de projetos de vida. A verdadeira inovação financeira não está apenas na tecnologia, mas na qualidade das decisões que ela ajuda a tomar.

Existe ainda um desafio estrutural que considero determinante: o reforço da literacia financeira. Um mercado com mais informação disponível não significa, necessariamente, consumidores mais preparados. Pelo contrário, quanto maior for a complexidade das soluções financeiras, maior será a necessidade de promover conhecimento, pensamento crítico e capacidade de decisão. Um sistema financeiro mais eficiente depende também de consumidores mais informados e conscientes.

Estou convicta de que a próxima etapa da evolução do setor passará pela integração inteligente entre tecnologia, dados e conhecimento humano. A Inteligência Artificial permitirá análises mais rápidas e uma personalização sem precedentes, mas continuará a exigir supervisão, enquadramento e responsabilidade por parte dos profissionais que acompanham os clientes.

O futuro da banca será, inevitavelmente, mais digital. Mas continuará a ser profundamente humano. Porque, num setor onde as decisões têm impacto direto na vida das pessoas, a confiança continuará a ser a principal moeda do sistema financeiro.

**A Dra. Francisca Guedes de Oliveira tem sublinhado a necessidade de uma banca que saiba “adaptar, inovar e liderar”. De que forma esta visão se reflete no seu dia a dia profissional?**

Esta visão traduz-se, desde logo, na forma como encaramos a relação com cada cliente. Num contexto económico marca-

do por alterações nas taxas de juro, novas exigências regulatórias e uma rápida evolução tecnológica, já não basta conhecer produtos financeiros. É essencial compreender o contexto de cada pessoa, os seus objetivos, a sua capacidade financeira e as implicações de cada decisão ao longo do tempo. Adaptar significa precisamente isso: responder à complexidade sem perder de vista aquilo que é verdadeiramente importante: o interesse do cliente.

A inovação, por sua vez, não deve ser confundida com a simples adoção de tecnologia. No meu dia a dia, traduz-se na utilização de ferramentas digitais e de Inteligência Artificial para tornar os processos mais eficientes, melhorar a análise da informação e proporcionar uma experiência mais ágil e personalizada. Contudo, vejo estas ferramentas como um complemento ao conhecimento humano e nunca como um substituto. As melhores decisões financeiras nascem da combinação entre dados, experiência e uma compreensão genuína das necessidades de cada cliente.

Quanto à liderança, acredito que se afirma através da capacidade de gerar confiança e contribuir para um setor mais transparente e mais próximo das pessoas. Liderar é simplificar temas complexos, promover literacia financeira e ajudar os cidadãos a compreender não apenas as opções disponíveis, mas também as consequências de cada escolha. É assumir um compromisso permanente com a ética, a independência de análise e a proteção do consumidor, reforçando a credibilidade de todo o ecossistema financeiro.

Os profissionais que marcarão a próxima década não serão apenas aqueles que melhor dominarem a tecnologia, mas os que conseguirem colocar essa tecnologia ao serviço das pessoas. Porque, numa banca em transformação, liderar continuará a significar colocar a confiança no centro de cada decisão.

**Qual é, na sua perspetiva, o papel do intermediário de crédito na aproximação entre o sistema financeiro e os consumidores?**

É precisamente neste contexto que o papel do intermediário de crédito assume uma relevância crescente. Mais do que apresentar soluções de financiamento, atua como um elo de ligação entre o sistema financeiro e os consumidores, ajudando a interpretar um mercado cada vez mais complexo, a comparar alternativas de forma independente e a compreender o impacto de cada decisão no curto, médio e longo prazo. Esta função contribui para reduzir a assimetria de informação que, durante muitos anos, caracterizou a relação entre os clientes e os produtos financeiros.

A crescente diversidade da oferta, a digitalização dos processos e a evolução da regulamentação tornaram o mercado mais competitivo, mas também mais exigente. O consumidor beneficia hoje de um maior número de opções, mas essa abundância torna ainda mais importante a existência de profissionais capazes de contextualizar a informação, esclarecer dúvidas e promover escolhas alinhadas com a realidade financeira de cada família ou empresa. Os consumidores procuram hoje mais do que produtos financeiros; procuram parceiros capazes de transformar complexidade em clareza.

Este papel possui igualmente uma dimensão de interesse público. Ao promover literacia financeira, transparência e uma análise personalizada das diferentes soluções disponíveis, o intermediário de crédito contribui para decisões mais sustentáveis e para uma relação de maior confiança entre os cidadãos e o sistema financeiro. Quando o consumidor compreende verdadeiramente as características, os riscos e as implicações de um financiamento, todo o ecossistema beneficia: reforça-se a proteção do consumidor, melhora-se a qualidade das decisões e aumenta-se a eficiência do mercado.

Olhando para o futuro, estou convicta de que esta função será ainda mais valorizada. A Inteligência Artificial, o Open Finance e a utilização inteligente dos dados permitirão análises cada vez mais rápidas e personalizadas, mas continuarão a exigir interpretação, ética e sentido crítico.

A tecnologia poderá simplificar processos. Mas a confiança continuará a nascer da qualidade da orientação prestada. E essa será sempre uma das principais missões do intermediário de crédito: aproximar pessoas e instituições através de decisões informadas, transparentes e responsáveis.

**A literacia financeira continua a ser um desafio em Portugal. Que contributo concreto podem dar os profissionais do setor para melhorar este cenário?**

Portugal tem registado progressos relevantes na promoção da literacia financeira, fruto do trabalho desenvolvido por entidades públicas, instituições financeiras e diversas iniciativas da sociedade civil. Ainda assim, permanece um desafio estrutural: muitos consumidores continuam a tomar decisões financeiras num contexto de elevada complexidade, sem dispor das ferramentas necessárias para avaliar riscos, comparar alternativas ou compreender plenamente as consequências das suas escolhas.

É precisamente aqui que os profissionais do setor podem gerar um impacto diferenciador. A sua responsabilidade vai muito além da apresentação de produtos ou da gestão de processos. Passa por assumir um verdadeiro papel pedagógico, traduzindo conceitos técnicos para uma linguagem clara, promovendo uma comunicação transparente e ajudando cada cliente a compreender não apenas como funciona uma solução financeira, mas porque poderá ou não ser a mais adequada ao seu contexto. A verdadeira proteção do consumidor começa quando este participa nas suas decisões com conhecimento, confiança e sentido crítico.

Este compromisso torna-se ainda mais relevante numa era marcada pela Inteligência Artificial e pela digitalização. O acesso à informação nunca foi tão imediato, mas a abundância de dados não elimina o risco de desinformação, nem substitui a capacidade de interpretar a realidade de cada pessoa. A tecnologia deve ser utilizada para simplificar processos, tornar a informação mais acessível e apoiar decisões mais informadas, sem substituir o pensamento crítico, a ética e o acompanhamento humano.

Acredito que o futuro da literacia financeira dependerá cada vez mais de uma responsabilidade par-

tilhada entre reguladores, instituições financeiras, profissionais do setor e sistema educativo. Quanto mais preparados estiverem os consumidores para compreender as suas decisões, mais sólido, transparente e resiliente será o sistema financeiro. Porque a confiança constrói-se, antes de tudo, através do conhecimento.

**A proteção do consumidor bancário é hoje um tema central. Como garante que os seus clientes tomam decisões informadas e sustentáveis?**

Uma decisão financeira sustentável começa muito antes da assinatura de um contrato. Começa pela compreensão da realidade de cada cliente, dos seus objetivos, da sua capacidade financeira e da forma como uma determinada decisão poderá influenciar o seu equilíbrio financeiro ao longo do tempo. Não avalio apenas a viabilidade de um financiamento; procuro perceber se essa solução continuará a fazer sentido perante diferentes cenários económicos, eventuais alterações das taxas de juro ou mudanças na situação pessoal e profissional do cliente.

Considero igualmente essencial que cada pessoa compreenda, de forma clara, todos os elementos relevantes da decisão que está prestes a tomar: o custo total do financiamento, a taxa de esforço, os seguros associados, as comissões, os riscos envolvidos e as alternativas existentes. A transparência não consiste apenas em disponibilizar informação; consiste em garantir que essa informação é verdadeiramente compreendida. Só existe liberdade de escolha quando existe conhecimento suficiente para exercer essa escolha de forma responsável.

Existe ainda um princípio que considero fundamental: obter aprovação para um crédito não significa, necessariamente, tomar a melhor decisão financeira. O papel do profissional não deve limitar-se a encontrar soluções viáveis, mas também a ajudar o cliente a distinguir entre aquilo que é possível contratar e aquilo que melhor protege os seus interesses presentes e futuros. Essa diferença traduz uma visão de longo prazo e uma verdadeira cultura de responsabilidade.

Num futuro cada vez mais apoiado pela Inteligência Artificial e pela análise avançada de dados, será possível antecipar riscos com maior precisão e personalizar ainda mais as soluções financeiras. No entanto, nenhuma tecnologia substituirá a responsabilidade de questionar, contextualizar e colocar o interesse do consumidor acima de qualquer automatismo.

Uma decisão financeira sustentável é aquela que continua a fazer sentido muito depois de ultrapassado o entusiasmo do momento. É nessa capacidade de transformar informação em consciência que reside a verdadeira proteção do consumidor.

**O setor financeiro tem vindo a evoluir também no domínio da sustentabilidade. Como vê este tema a impactar o trabalho dos intermediários de crédito?**

A integração dos critérios ambientais, sociais e de governação (ESG) representa uma das transformações mais relevantes da última década no setor financeiro. Mais do que uma tendên-



cia regulatória, trata-se de uma evolução que está a influenciar a forma como o risco é avaliado, como o capital é alocado e como são desenvolvidos novos produtos e soluções financeiras. No domínio do crédito, esta realidade já se reflete na crescente valorização da eficiência energética dos imóveis, da reabilitação urbana e da incorporação progressiva de fatores de sustentabilidade na análise das operações.

Neste contexto, o papel do intermediário de crédito ganha uma nova dimensão. Para além de conhecer as soluções disponíveis, será cada vez mais importante compreender a forma como estas tendências influenciam as decisões dos clientes e ajudá-los a antecipar oportunidades futuras. Um consumidor devidamente informado percebe que a sustentabilidade não representa apenas um compromisso ambiental; pode traduzir-se em maior eficiência, redução de custos, valorização do património e maior resiliência financeira ao longo do tempo.

Ao mesmo tempo, importa garantir que esta transformação decorra com equilíbrio, proporcionalidade e transparência. A sustentabilidade não deve ser apresentada como uma imposição, mas como uma oportunidade de gerar valor económico, social e ambiental, desde que cada decisão seja acompanhada de informação clara, rigorosa e adaptada à realidade de cada cliente. A confiança fortalece-se quando as pessoas compreendem o propósito das mudanças e conseguem reconhecer os seus benefícios concretos.

Estou convicta de que os profissionais do setor financeiro assumirão, nos próximos anos, um papel cada vez mais consultivo, conjugando conhecimento financeiro, enquadramento regulatório e visão estratégica. A sustentabilidade deixará de ser encarada como uma área especializada para passar a integrar naturalmente a qualidade do aconselhamento prestado.

O verdadeiro desafio não será apenas financiar a transição para uma economia mais sustentável, mas garantir que essa transição seja compreendida, acessível e geradora de valor para as pessoas. Porque um sistema financeiro só será verdadeiramente sustentável quando conseguir conciliar crescimento económico, responsabilidade social e proteção do consumidor.



#### Que mudanças considera essenciais para promover uma maior igualdade no setor?

O setor financeiro tem evoluído de forma muito positiva, mas continua a existir espaço para reforçar uma cultura onde o mérito, a competência e a diversidade sejam efetivamente valorizados em todos os níveis de decisão. Organizações que integram diferentes perspetivas tendem a compreender melhor as necessidades dos seus clientes, a tomar decisões mais equilibradas e a responder com maior eficácia aos desafios de um mercado cada vez mais complexo. A diversidade deixou de ser apenas uma dimensão social; tornou-se também um fator de competitividade e de inovação.

No entanto, considero que a igualdade deve ser entendida numa perspetiva mais ampla. Significa garantir que todas as pessoas, independentemente da sua idade, condição socioeconómica, localização geográfica ou nível de literacia financeira, conseguem aceder a informação clara, a soluções adequadas e a um acompanhamento que lhes permita tomar decisões conscientes. A digitalização criou oportunidades extraordinárias, mas trouxe também a responsabilidade de assegurar que ninguém fica excluído da transformação tecnológica.

Esta preocupação estende-se igualmente ao desenvolvimento dos profissionais. Promover igualdade significa criar ambientes onde o talento possa crescer, investir na formação contínua, incentivar lideranças inclusivas e garantir que a inovação tecnológica é desenvolvida e utilizada de forma ética e responsável. À medida que a Inteligência Artificial assume

um papel crescente na atividade financeira, será igualmente essencial assegurar que estas ferramentas reforçam a equidade das decisões e não reproduzem enviesamentos existentes.

Acredito que o futuro do setor financeiro será tanto mais sólido quanto mais conseguir conciliar inovação com inclusão. A verdadeira igualdade não consiste em tratar todos da mesma forma, mas em criar condições para que cada pessoa possa desenvolver o seu potencial e tomar decisões com igual acesso ao conhecimento, às oportunidades e à confiança.

#### Enquanto líder no setor financeiro, que obstáculos encontrou e que conquistas mais valoriza ao longo do seu percurso?

O setor financeiro é, por natureza, um setor exigente e em permanente evolução. Ao longo do meu percurso, um dos maiores desafios tem sido acompanhar essa transformação constante económica, regulatória e tecnológica sem perder de vista aquilo que considero essencial: colocar sempre o interesse do cliente no centro da decisão. Num contexto onde a rapidez é cada vez mais valorizada, manter elevados padrões de rigor, transparência e proximidade exige disciplina, atualização permanente e um profundo sentido de responsabilidade.

Outro desafio tem sido demonstrar que inovação e proximidade humana não são conceitos opostos, mas complementares. Acredito profundamente no potencial da Inteligência Artificial para aumentar a eficiência, melhorar a análise de informação e proporcionar uma experiência mais personalizada. No entanto, continuo

a defender que as decisões financeiras mais relevantes exigem contexto, capacidade de interpretação e sensibilidade para compreender a realidade de cada cliente. A tecnologia amplia a nossa capacidade de servir melhor; não substitui o julgamento humano nem a relação de confiança.

Entre as conquistas que mais valorizo não destaco indicadores quantitativos ou resultados comerciais. Valorizo, acima de tudo, a possibilidade de acompanhar pessoas e famílias em algumas das decisões mais importantes das suas vidas, contribuindo para que essas escolhas sejam feitas com maior conhecimento, segurança e serenidade. Saber que o meu trabalho ajudou alguém a compreender melhor as suas opções e a decidir de forma mais consciente representa, para mim, a expressão mais autêntica do impacto que um profissional pode gerar.

Olhando para o futuro, estou convencida de que a liderança no setor financeiro será cada vez menos determinada pela dimensão das organizações e cada vez mais pela capacidade de gerar confiança, promover conhecimento e criar valor de forma ética e sustentável. Porque a verdadeira liderança não se mede apenas pelos resultados alcançados, mas pela confiança que se consegue construir e preservar ao longo do tempo.

#### Que competências considera fundamentais para uma nova geração de profissionais financeiros?

O setor financeiro está a viver uma das maiores transformações da sua história. A Inteligência Artificial, a digitalização, o Open Finance e a crescente sofisticação regulatória estão a redefinir profundamente a forma como os serviços financeiros são concebidos e disponibilizados. Neste novo contexto, o conhecimento técnico continuará a ser indispensável, mas deixará de constituir, por si só, um fator de diferenciação. A verdadeira vantagem competitiva residirá na capacidade de interpretar informação, exercer pensamento crítico e apoiar decisões complexas com rigor e responsabilidade.

A nova geração de profissionais deverá desenvolver um conjunto de competências cada vez mais multidisciplinar. Será importante dominar os fundamentos financeiros, compreender o enquadramento regulatório, interpretar dados, conhecer as novas tecnologias e acompanhar a evolução dos critérios de sustentabilidade e gestão do risco. Mas, num contexto

em que o conhecimento técnico tende a democratizar-se, será a qualidade do julgamento humano que distinguirá os melhores profissionais. Competências como a escuta ativa, a empatia, a comunicação clara, a ética e a integridade continuarão a ser absolutamente determinantes.

Considero igualmente essencial cultivar uma mentalidade de aprendizagem contínua. O ritmo da inovação exige profissionais capazes de evoluir permanentemente, integrar novas ferramentas e adaptar-se a um mercado em constante transformação. A Inteligência Artificial será um aliado extraordinário para aumentar a eficiência e melhorar a capacidade de análise, mas continuará a depender da supervisão humana para garantir decisões equilibradas e verdadeiramente centradas nas pessoas.

Estou convicta de que o futuro pertencerá aos profissionais que conseguirem reunir competência técnica, inteligência digital e inteligência humana. Porque a tecnologia continuará a transformar o setor financeiro, mas será sempre a qualidade das relações e das decisões que determinará a confiança dos cidadãos.

#### Que mensagem gostaria de deixar a quem pretende construir carreira na área financeira?

Quem inicia hoje este percurso encontrará um setor em profunda transformação. A Inteligência Artificial, a digitalização, a evolução regulatória e as novas expectativas dos consumidores continuarão a alterar a forma como trabalhamos. Contudo, independentemente da velocidade da mudança, haverá princípios que permanecerão inalterados: a ética, o rigor, a transparência e o compromisso com o interesse do cliente. São estes valores que sustentam a confiança e que dão verdadeiro significado à profissão.

Aconselharia os novos profissionais a nunca deixarem de aprender. O conhecimento técnico é indispensável, mas deve caminhar lado a lado com a curiosidade, o pensamento crítico e a capacidade de adaptação. Trabalhar na área financeira não significa apenas compreender produtos ou analisar indicadores; significa acompanhar pessoas e empresas em decisões que podem influenciar o seu património, os seus projetos e o seu futuro. Essa responsabilidade deve estar presente em cada recomendação e em cada decisão.

Vejo igualmente a tecnologia como uma oportunidade extraordinária para elevar a qualidade do serviço prestado. A Inteligência Artificial permitirá melhorar a análise, aumentar a eficiência e

proporcionar uma experiência cada vez mais personalizada. No entanto, continuará a ser a integridade, a capacidade de ouvir e a competência para transformar informação em conhecimento útil que distinguirão os melhores profissionais. O futuro da banca será cada vez mais digital, mas continuará a ser profundamente humano.

Se pudesse deixar uma única mensagem, seria esta: nunca percam de vista o propósito da profissão. Os produtos evoluem, a tecnologia transforma-se e a regulamentação adapta-se, mas a missão permanece a mesma: ajudar pessoas a tomar melhores decisões. Quando essa responsabilidade é assumida com competência, ética e proximidade, constrói-se não apenas uma carreira sólida, mas também um setor financeiro mais transparente, mais resiliente e mais digno da confiança da sociedade.

#### Olhando para o futuro, como imagina o papel do intermediário de crédito numa banca cada vez mais digital e automatizada?

O futuro do intermediário de crédito não passa por competir com a tecnologia, mas por potenciar o seu impacto. A Inteligência Artificial, o Open Finance e a utilização inteligente dos dados permitirão análises mais rápidas, processos mais eficientes e uma experiência cada vez mais personalizada. Muitas tarefas operacionais tenderão a ser automatizadas, libertando tempo para aquilo que verdadeiramente acrescenta valor: compreender as necessidades do cliente, interpretar informação complexa e apoiar decisões que têm impacto direto na vida das pessoas e das empresas.

Este novo paradigma fará evoluir o papel do intermediário de crédito para uma função cada vez mais consultiva, sempre no âmbito da sua atividade e do enquadramento legal que regula a intermediação de crédito em Portugal. Mais do que comparar propostas ou acompanhar processos, será chamado a enquadrar decisões, ajudar os clientes a compreender diferentes cenários e promover escolhas sustentadas por informação clara, rigorosa e independente. Num mercado onde a informação estará amplamente disponível, a verdadeira diferenciação residirá na capacidade de lhe atribuir contexto e significado.

Ao mesmo tempo, a crescente utilização da Inteligência Artificial tornará ainda mais relevante a dimensão ética da profissão. Os algoritmos poderão apoiar análises, identificar padrões e antecipar riscos com um nível de precisão sem precedentes, mas continuarão a depender da supervisão huma-

na para garantir imparcialidade, transparência e responsabilidade. A confiança continuará a ser construída através da qualidade do aconselhamento, da independência de análise e da capacidade de colocar o interesse do consumidor no centro de cada decisão.

Imagino um setor financeiro mais integrado, mais eficiente e mais colaborativo, onde bancos, reguladores, fintechs e intermediários de crédito desempenham funções complementares ao serviço dos cidadãos. O intermediário de crédito será cada vez menos um facilitador de processos e cada vez mais um intérprete da complexidade financeira. Porque a tecnologia continuará a evoluir, mas a necessidade de confiança, discernimento e proximidade humana permanecerá intemporal.

#### Se tivesse de resumir em três palavras o futuro do setor financeiro, quais escolheria?

A confiança continuará a ser o verdadeiro alicerce do sistema financeiro. Independentemente da evolução tecnológica, da automatização ou da sofisticação dos produtos, as pessoas continuarão a procurar instituições e profissionais em quem possam confiar para tomar decisões que influenciam o seu património, os seus projetos e a sua estabilidade financeira.

A inovação será o motor da transformação. A Inteligência Artificial, o Open Finance, a análise avançada de dados e a digitalização permitirão criar serviços mais eficientes, personalizados e acessíveis. No entanto, a inovação só terá verdadeiro significado se contribuir para melhorar a experiência do cliente, reforçar a transparência e promover um sistema financeiro mais inclusivo e sustentável.

Por fim, a responsabilidade será o grande fator diferenciador. Responsabilidade na utilização da tecnologia, na proteção dos dados, na gestão do risco, na promoção da literacia financeira e, sobretudo, na forma como cada decisão é tomada em benefício das pessoas e da sociedade. A sustentabilidade do setor dependerá, cada vez mais, da capacidade de conciliar inovação com princípios éticos sólidos.

Se pudesse deixar uma última reflexão, seria esta: as instituições financeiras continuarão a evoluir. Os modelos de negócio continuarão a transformar-se. A tecnologia continuará a acelerar. Mas haverá um princípio que permanecerá inalterado: o setor financeiro existe para servir pessoas. A tecnologia transforma processos. A confiança transforma relações. E serão sempre as relações de confiança a definir o futuro do setor financeiro. ■



**Transformamos possibilidades em decisões seguras.**  
Intermediação de crédito

 **SERVIÇO DE INTERMEDIACÃO DE CRÉDITO GRATUITO**

 +351 915 264 298 |  sofia.brito@solidaryequation.pt |  www.solidaryequation.pt

Solidary Equation - Unipessoal Lda., intermediário de crédito vinculado sem regime de exclusividade, registado no Banco de Portugal com o n.º 0007507. Serviços: apresentação ou proposta de contratos de crédito a consumidores; assistência pré-contratual relativamente a contratos de crédito não apresentados ou propostos; celebração de contratos de crédito com consumidores em nome dos mutuantes; consultoria. Mutuantes: Abanca Portugal, S.A.; Union de Créditos Inmobiliarios, S.A.; Establecimiento Financiero de Crédito (Sociedad Unipersonal) - Sucursal em Portugal; Banco Santander Total, S.A.; Banco CTT, S.A.; Banco BPI, S.A.; Bankinter, S.A.; Unicre - Instituição Financeira de Crédito, S.A.; SICAM - Caixa Central e Caixas de Crédito Agrícola Mútuo; Caixa Geral de Depósitos, S.A. Solidary Equation é uma marca detida pela Solidary Equation - Unipessoal Lda.

 **CRÉDITO HABITAÇÃO**

 **CRÉDITO EMPRESA**

 **CRÉDITO PESSOAL**